

LUSISMOS NO VÊNETO SUL-RIO-GRANDENSE

Carmen Maria FAGGION¹
Vitalina Maria FROSI²

ABSTRACT: The purpose of this study is to identify and analyze Portuguese loans in the Brazilian Venetian dialect (also called Koine or Talian) spoken in the Italian Colonization Region of Rio Grande do Sul, in Southern Brazil. Methodological procedures involve research of these loans in texts written in Brazilian Venetian and in descriptive works, such as Frosi; Mioranza (1975, 1983) and Frosi (1987), as well as in empirical data. The loanwords are analyzed according to Meo Zilio's (1987) division. We call lusism or Portuguese loan any Portuguese lexical unit which has been adopted by the Venetian dialect, being thus integrated in its grammatical frames. The results of this investigation show loss of linguistic consciousness about loans, morphological adaptation and predominance of words that describe new cultural elements. These findings may confirm that Brazilian Venetian is an endangered dialect, once its lexical innovation is restricted to loans of the majority language of that region, Portuguese.

KEYWORDS: loanwords; South-Brazilian Italian dialect; lexicology.

1. Introdução

O projeto “Morfossintaxe do Vêneto Sul-Rio-Grandense”, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul, objetiva investigar aspectos peculiares desse dialeto, na verdade um supradialeto, resultante dos cruzamentos ocorridos entre vários dialetos, de modo especial, com predominância do vicentino e do feltrino-belunês. O que chamamos agora de vêneto sul-rio-grandense corresponde à *coiné* de predominância vêneta de que nos falam Frosi e Mioranza (1975, 1983), uma variedade que se desenvolveu em terras do nordeste do Rio Grande do Sul, favorecendo a comunicação diária entre os imigrantes italianos e seus descendentes, que utilizavam uma gama considerável de dialetos da Itália Setentrional, e mesmo línguas diferentes. Frosi e Mioranza reúnem essa variedade de dialetos de origem em quatro grupos básicos: o dos dialetos vênéticos, o dos dialetos trentinos, o dos dialetos lombardos e os da língua friulana (cf. Frosi e Mioranza, 1983, p. 109-127; 2009, p. 75).

O presente estudo enfoca algumas das muitas contribuições portuguesas, aliás ensejadas, sobretudo, pelo contato linguístico-cultural, para o léxico desse vêneta. O objetivo do presente trabalho é, pois, assinalar a presença da língua portuguesa no léxico do dialeto italiano falado na Serra Gaúcha, também conhecido como *talian* (cf. Luzzatto, 1987). Definindo empréstimos, vamos analisá-los a seguir por uma perspectiva morfossintática, e não pretendemos focar neste estudo a pronúncia característica, já contemplada em outros trabalhos (Frosi e Mioranza, 1975, 1983; Bisol, 1984; Frosi, 1987; Dal Corno e Santini, 1998; Faggion, 2006; Frosi et al., 2005, 2006, 2008; Tomiello, 2005; Battisti et al., 2006; Brescancini e Monaretto, 2008; e muitos outros).

Como metodologia de trabalho, inicialmente identificamos a presença de palavras portuguesas em textos escritos em vêneta sul-rio-grandense. Entre os textos que nos permitem identificar os empréstimos encontram-se os de Bernardi, 1921; Balen, 1987; Luzzatto, 1985, 1987, 1993; Marcucci, 1989. Além desses, mencionaremos dados presentes em Frosi e

¹ Doutora, professora do Departamento de Letras e Filosofia da Universidade de Caxias do Sul – CARVI.

² Doutora em Letras, Professora do Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul.

Mioranza (1983, p. 330) e Frosi (1987, p. 227-229). Por último, tencionando enriquecer o conjunto dos dados, mesmo privilegiando o registro escrito, incluiremos também alguns dados obtidos de oitiva, dado que sua ocorrência é facilmente verificável, principalmente em zonas rurais.

Chamamos esses elementos lexicais portugueses de *lusismos*, *portuguesismos* ou *empréstimos do português*, objetivando inseri-los no campo mais geral da língua portuguesa, porque muitos deles se encaixam exatamente aí, conquanto alguns dentre eles possam ser identificados como *brasileirismos* ou *gauchismos*. Sempre que possível, faremos essa identificação. Por outro lado, o português brasileiro encontra-se enriquecido pela contribuição indígena e africana, mas *tupinismos* e *africanismos* só entraram no vêneto sul-rio-grandense pela via do português. Por isso mantemos a denominação geral. Assim, usaremos *lusismos* ou *empréstimos* para nos referirmos ao elemento lexical português, adotado pelo dialeto italiano e integrado funcionalmente no quadro gramatical desse sistema linguístico. O item lexical português, usado no dialeto sul-rio-grandense, será reconhecido como empréstimo na condição de que esteja integrado no sistema dialetal italiano, perfeitamente adaptado às normas gramaticais desse dialeto e que seja de uso comum, coletivo, não causando estranhamento por parte do próprio monolíngue de dialeto italiano.

Um traço interessante desse fenômeno é a perda da consciência linguística a respeito da legitimidade do elemento lexical substituído por aquele emprestado. Para exemplificar, o grupo de falantes de dialeto italiano usa normalmente o léxico português *banha* no lugar de *grasso*, como se, de fato, *bagna* sempre tivesse pertencido ao seu sistema de fala dialetal. Outro exemplo que elucida esta questão pode ser o léxico *milho*, realizado regularmente na fala dialetal em vez do elemento originário desse dialeto, *formentón* ou *granturco* (no italiano padrão *granoturco*). Os exemplos são numerosos e gozam de *status* dialetal italiano, há muito tempo, constituindo-se em casos de perdas da consciência linguística do léxico do sistema originário. Não sabemos, precisamente, quando o léxico *balde* (ou qualquer outro empréstimo) passou a ser usado sistematicamente no dialeto sul-rio-grandense, em vez de *sechio* ou *secio* (no italiano padrão *secchia* ou *secchio*); os empréstimos constituem-se como tais no decorrer do tempo e estabilizam-se graças ao seu uso coletivo pela comunidade de fala.

Consideramos ainda que esses *lusismos* podem ser classificados em empréstimos de necessidade e empréstimos de luxo. Em seu estudo “Lingue in contatto: interferenze fra veneto e spagnolo in Messico”, Giovanni Meo Zilio (1987, p. 239) apresenta uma classificação tripartida: “prestiti di necessità, prestiti di lusso e prestiti d’inerzia.”

Os empréstimos necessários são aqueles constituídos por termos autóctones, de modo geral, alusivos a topônimos, plantas, animais, usos e costumes, nomes próprios de pessoa, etc. Os empréstimos necessários, como o próprio adjetivo indica, são devidos ao fato de que, no universo vocabular do dialeto vêneto originário das comunidades rurais vênetas, não havia, na época da imigração para esta Região, termos autóctones e técnicos que designassem tais referentes. Para ilustrar, o topônimo Caxias do Sul não existia no sistema de fala vêneto originário da Itália, transplantado em terras gaúchas, nem existiam os termos decorrentes da tecnologia moderna como, por exemplo, *televisão* ou *celular*. Esses termos emprestados do português brasileiro entraram no vêneto sul-rio-grandense perfeitamente adaptados à estrutura morfossintática desse dialeto, respectivamente, *television* ou *television* e *celular*. O primeiro é coincidente com o termo dialetal da Itália (*television* ou *television*), mas o segundo não, porque, no dialeto vêneto da Itália a forma é *telefonino* ou *cellulare* (*cellulare* no italiano padrão). Outros empréstimos foram feitos, motivados por novos costumes que foram surgindo com o suceder-se das gerações. Tomar banho, no passado, era normalmente uma ação que se desenvolvia lavando-se o corpo com água posta em recipientes (banheiras, baldes, bacias

etc.). Com o transcorrer do tempo, as casas passaram a contar com banheiros internos providos de chuveiros. O empréstimo *chuveiro* do português teve acolhimento no dialeto italiano, comumente, na forma *suvero* ou *chuvero*. Esta é a forma vigente na fala dialetal das zonas rurais. Nas zonas urbanas, verifica-se tanto *chuveiro* quanto *ducha* (no italiano padrão, *doccia*).

Os empréstimos “de luxo” (MEO ZILIO, 1987, p. 243) são palavras ou locuções que, mesmo existindo as correspondentes no sistema linguístico importador, são usadas pelos imigrantes porque eles as acham mais expressivas, mais cheias de conotações em referência ao novo contexto em que esses imigrantes estão inseridos. Exemplifica este tipo de empréstimo a expressão *Como non!* derivada do português *Como não!* O significado é uma afirmação enfática equivalente, no italiano padrão, a *Come no!* Ela é, todavia, inusual no dialeto vêneto rústico da Itália, onde esse contexto poderia ser ocupado com outras expressões ou palavras existentes no dialeto, como *Certo!* *Certamente!* *Sicuramente!* *Sì, sì*. Outra expressão, emprestada do português, é *Mais o meno* que no dialeto original poderia ser *così, così*, ou *più o meno*, no italiano padrão. Outro exemplo é o empréstimo *pulsera* em vez de *brazzaletto* ou *brazzalet*, disponível no dialeto vêneto; no italiano padrão, *braccialetto* (MEO ZILIO, 1987, p. 244).

Meo Zílio (1987, p. 245) designa como empréstimos “de inércia” as interferências lexicais de apoio, isto é, os bordões, marcadores ou palavras de apoio. Identificamos aqui expressões como *tá certo*, ou *tá, né, inton* (por *então*), itens lexicais portugueses que se inserem na conversação em dialeto italiano, embora neste existam expressões equivalentes (*l'è vero, proprio, allora*). O autor também designa como empréstimos de inércia as interferências fonéticas de um sistema para o outro (MEO ZILIO, 1987, p. 245-7).

Dado o parentesco entre as línguas, algumas formas podem deixar dúvida quanto à origem. Por exemplo, a réplica ao agradecimento *magina* tanto pode originar-se do português *imagina* (numa configuração dialogal do tipo *imagina se precisa agradecer*) como do dialeto italiano *maginarsè* (italiano padrão *immaginarsi*), concretizando-se também na forma *immagina!*, conforme se verifica em Faggion (2009). De ambos os lados: algumas palavras de uso indubitavelmente vêneto podem apresentar problema semelhante: o vêneto *scarsela*, que Boerio (1971 [1856], p. 621) registra como “borsa attaccata alle vesti, da riporve che che sia” [‘bolsa presa às vestes, para nela colocar o que quer que seja’ – tradução das autoras], encontra correspondência em dicionários portugueses: no Caldas Aulete (1958, p. 1858), lemos: *escarcela*, “bolsa que os antigos usavam presa à cintura”. O dicionário Houaiss (2001, p. 1202) registra para *escarcela* três sentidos: o primeiro é “parte da armadura que ia da cintura aos joelhos”, o segundo, “pequena bolsa de couro que se carregava presa à cintura e o terceiro, “espécie pequena de mala de couro”. De acordo com Houaiss, a origem etimológica de *escarcela* é incerta e pode ter derivado de *scarzo*, ‘avaro’. O vocábulo pode ter entrado no português através do francês, ou do provençal ou do italiano. No vêneto sul-rio-grandense, significa simplesmente *bolso*: tal é o significado explicitado no dicionário de Stawinski (1987, p. 227) e no de Luzzatto (2000, p. 317).

Com intuito de propiciar uma visão de conjunto dos principais empréstimos, elaboramos um quadro, com indicação dos itens lexicais como são usadas no dialeto italiano sul-rio-grandense, como são representados no dialeto italiano do Vêneto, como são configurados no italiano padrão e como são constituídos no português.

Item lexical importado do português no dialeto	Item lexical do dialeto italiano vêneto original	Item lexical no italiano padrão	Item lexical em português
algodón	bombasso o bombas	cotone	algodão
aliança	vera	fedè	aliança
assoghe	becaria	macelleria	açougue
assoghero	bechèr	macellaio	açougueiro
bagna	grasso	grasso	banha
baldo ou balde	sechio ou secio	secchia ou secchio	balde
barato	a buon marcà	a buon mercato, economico	barato
baro	paltàn	paltano	barro
baruglio ou baruio	ciasso	rumore	barulho
baton	rosseto	rossetto	baton
bengala	bastón	bastone	bengala
bolo	torta	torta, dolce	bolo
canga	dovo	giogo	canga
cansà	stanco	stanco	cansado
cartera ou carteira	portafogio	portafoglio	carteira
coraçon	cor, core	cuore	coração
casamento	matrimonio	matrimonio	casamento
cosignero	cogo o cuogo	cuoco	cozinheiro
costurera	sartora	cucitrice	costureira
despedirse	salutar	salutare	despedir-se
égoa ou égua	cavala	cavalla	égua
estragà	rovinà	rovinato	estragado
fogon a legna	fogolar ou fogoler	cucina economica	fogão a lenha
fóis ou foice	ronca	ronca, roncola	foice
galignero	punaro ou punèr	pollaiò	galinheiro
garafa	botiglia	bottiglia	garrafa
gordo	grasso, grosso	grasso	gordo
grama	prá	prato	grama, gramado
marmelo	codogno ou codogn	cotogna	marmelo
miglio	formentón ou granturco	granoturco ou grano turco	milho
patio	cortio ou cortivo	cortile	patio
praia	spiàia	spiaggia	praia
quarto ou quarto de dormir	camera da leto	camera da letto	quarto de dormir
quinhentos	cinquecento, cinquecent	cinquecento	quinhentos
sapatero, scarpèr	caleghèr ou scarpolin	calzolaio	sapateiro
sià, scià	tè	tè ou the	chá
scialera	—	teiera	chaleira
seraçon	nebia, fumana	nebbia	cerração
sichero o scichero	stala de porchi	porcile	chiqueiro
sogra	madona	suocera	sogra
verón	istà	estate	verão

Quadro 1 - Empréstimos do português inseridos no dialeto vêneto sul-rio-grandense

2. Áreas de significação

Os lusismos presentes no vêneto sul-rio-grandense recobrem diferentes áreas lexicais.

Por um lado, existem os novos elementos culturais que necessitam ser nomeados para seu uso na comunicação, decorrendo disso os empréstimos necessários. Assim, temos uma forma absolutamente nova de preparar a carne (aliás, deveríamos dizer, no mundo novo do imigrante, temos carne): é o *sorasco*, (ou *chorasco*) carne cozida no espeto, o *churrasco* dos gaúchos, que anos mais tarde passou a fazer parte do almoço do domingo. É bem antiga igualmente a introdução da palavra *simarón*, (ou *scimarón*) mencionada em Bernardi (1976 [1921], p. 115), o que mostra que o chimarrão dos gaúchos logo foi descoberto pelos imigrantes.

Com o passar do tempo, novos veículos chegam à Região Colonial Italiana. Os caminhões são dotados de *gabine*, e, por metonímia, passam a designar também os ônibus (*l'è ndato a la Pinta col camion*). Esse uso passa também ao português: *ele foi a Pinto Bandeira de caminhão*, frase ouvida por uma das autoras nos anos 1960, significava que a pessoa se havia deslocado de ônibus.

Na nova realidade que se instaura, as pessoas usam *tamancos* para trabalhar na terra (e não *zocoi*, no italiano padrão *zoccoli*, registrado no vêneto por Boerio (1971, p. 814). Parece que esse calçado ingressou no mundo do colono com seu nome português, há bastante tempo. Outros tipos de calçados têm designação variada: *scarpe* [sapatos] têm a mesma forma no vêneto (italiano e sul-brasileiro) e no italiano padrão; *stivai* [botas] persistiu por muito tempo, dado que a forma *bota*, plural *bote*, significa em vêneto uma espécie de recipiente de madeira para vinho ou, mais comumente, um golpe (BOERIO, 1971, p. 94; PELLEGRINI, 1971, p. 11; MACKKEY, 1993, p. 96); *sinele* [chinelos], é também um portuguêsismo; no dialeto vêneto, esse calçado chama-se *zavate* e tem registro em Boerio (1993, p. 811) e em Pellegrini (1971, p. 122). Em italiano padrão, a forma é *pianella*, *ciabatta*. Em relação a esta última, existe no vêneto sul-rio-grandense a forma *savate*. Ainda no campo dos calçados, Luzzatto (1987, p. 117) registra o interessante *sampioni* para designar tênis: o novo tipo de calçado, na primeira metade do século XX, existia sob uma única marca, ou talvez uma predominante: o selo *Champion*. Temos aí um anglicismo, a que se sucederão tantos outros no final do mesmo século, mas já sem tantas transformações fonéticas.

No domínio do vestuário, algumas denominações vênetas persistiram: *roba* [roupa], *còtola*, *còtole* [saia], *braghe* [calças], *vesti* [vestido], *capel* [chapéu], *ombrela*, *ombrelin* [guarda-chuva, sombrinha], *sporta* [sacola]. Outras denominações foram sendo adotadas do português: *blusa*, *casaco*, *casacón*, *sobretudo*, *capa*; ou de outras línguas, via português: *xorte*, *maiô*, *chambre*, *pulôver*, *blusón*. Há também o interessante *gaban* [caban], uma espécie de casaco. A forma *camisa* é do vêneto (italiano padrão *camicia*, *camiscia*), sendo homônima do português.

Também passam a integrar o vêneto palavras portuguesas designando elementos da natureza só conhecidos na nova terra. É o caso de *morango*. Há em vêneto a forma *fràgola*, como no italiano padrão, mas a rara e cara fruta certamente não fazia parte da dieta do paupérrimo norte de Itália, no final do século XIX. Quando a fruta se tornou conhecida (e cultivada) na Região Colonial Italiana, foi seu nome português que a tornou conhecida. Aliás, é frequentemente utilizada no diminutivo, talvez para evitar confusão com *moranga*. (A forma *moranga* designa uma espécie de abóbora, variante *moganga*). A fruta *maçã* foi atualizada e ainda é usada como *massõn* na fala dialetal italiana. Constitui o que também se chama empréstimo de luxo ou desnecessário, pois há no dialeto vêneto a palavra *pomo* (BOERIO,

1993, p. 519) com a variante *pom* (PELLEGRINI, 1971, p. 79) que tem como correspondente italiana *mela*, fruto da macieira.

Novos animais foram conhecidos. As histórias dos muito antigos falam de *tigres* que podiam aparecer quando caía a noite. Na verdade, eram onças, hoje extintas na região. Mas a denominação mostra que houve adaptação do nome: uma denominação conhecida foi utilizada para designar um outro animal, aliás também felino. Também foi o caso da cobra (não-venenosa) chamada caninana: seu nome foi adotado como *ganinana*. Os muitos nomes de pássaros constituiriam por si só um estudo muito amplo; há designações talvez imprecisas (*cabeça preta*), ao lado de muitos empréstimos do português: *sabiá*, *beija-flor*, *canário*, *cardeal*, *perdiz*.

Os itens lexicais que designam tipos de pessoas são muito característicos. Os índios ou bugres, talvez raramente vistos, eram chamados de *búlgheri*, ou *búlgari* (Bernardi, 1976, p. 97; Balén, 1981, p. 126), em que se verifica a contaminação com o italiano *bulgaro* [búlgaro], persistindo na palavra o traço semântico ‘estranho’, ‘estrangeiro’. A palavra *brasilian* e sua tradução, *brasileiro*, também são usadas de forma peculiar. Indicam um universo de pessoas não italianas nem ítalo-descendentes, que podem ser de origem lusa, africana, indígena, identificáveis por sua pronúncia do português e por valores culturais que lhes são atribuídos. A frase *meu filho se casou com uma brasileira* (em português ou em vêneto, *me fiol el se ga maridá co ‘na brasiliana*) indica uma nora que não é ítalo-descendente. O sobrenome era e ainda é um marcador que, por si só, estabelece a distinção entre italianos, de um lado, e não-italianos de outro.

Na área das instituições, aparece a palavra *noivado*, um empréstimo do português que teria como correspondente aproximado *fidanzati* ou *promessi sposi*, no italiano padrão. Por sinal, no dia do casamento, os noivos trocariam *alianze*, outro empréstimo do português que, há muito tempo, entrou nesse sistema de fala, no lugar de *vere*. Na infelicidade de perder a esposa, o marido se torna *viúvo*, mais um empréstimo, utilizado apesar de haver o equivalente (e semelhante na forma) *vedovo*. De uso notável, em substituição a *nevodo* ou *neodo*, no italiano padrão *nipote*, é o empréstimo do português *neto*, na fala dialetal veneta, frequentemente, usado no diminutivo *netin*.

No campo dos objetos de uso cotidiano, há uma série de novidades: *espeto*, *cuia*, *bomba* são apenas alguns exemplos que remetem ao universo gaúcho imediato. E, se são adotados no vêneto sul-rio-grandense vocábulos portugueses como *tigela*, *travessa*, *facón*, persistem, e entram inclusive na frase portuguesa, vocábulos vênéticos como *mescola* [pá de mexer polenta], *mastela* [recipiente semelhante a um alguidar], *cagliarin* ou *brondo* [tacho de fazer polenta]. A partir dos anos 1950, um universo de novos objetos invadem as cozinhas, com seus nomes portugueses: *liquidificador*, *batedeira*, *geladeira* (esta frequentemente designada como *Frigidaire*, uma marca, designando-se o objeto por metonímia) e também *aspirador*, *enceradeira*, *máquina de lavar*. E as famílias começam a adquirir seu carro, que não é chamado de *macchina*, mas de *auto* ou *caro*.

E não é só isso. Também ações há muito conhecidas ganham nova palavra que as designe. É o que ocorre com *capinar*, e com o substantivo que lhe dá origem, *capim*. Embora exista o correspondente *erva*, em vêneto e em português, *capim* também foi adotado.

Até mesmo siglas são adotadas, e nem poderia ser de outra maneira. Uma das autoras ouviu a forma *nepés*, por INPS, anos atrás. E outras formas ocorrem, chamando atenção, como nos exemplos a seguir.

3. Alguns exemplos

“E quei mui i gá le rece tanto longhe che ocozeria un metro – no! ‘na **trena!** – per misurarghe sol un tochetin!” (BALÉN, 1981, p. 56) E são asnos de orelhas **tão** compridas que é necessário um metro – não! a trena! pr’a medir-lhes somente um pedacinho! (tradução do próprio autor, p. 57)

Vemos aqui um portuguesismo, *trena*, do latim *trini*, fita de medição (CUNHA, 1991, p. 787), a ser utilizada por permitir medições superiores a um metro.

“L’è robe dei **simanghi** balotoni!” (BALÉN, 1981, p. 90) São coisas dos chimangos loroteiros! (tradução do próprio autor, p. 91)

Utiliza-se a palavra *chimangos*, um gauchismo que designava, no início do século XX, os federalistas, portadores de lenços brancos, que se opunham aos *maragatos*, fiéis aos ideais gaúchos, portadores de lenços vermelhos.

- “par ciapar i **siguri**” (BALÉN, 1981, p. 96) – pra ganhar o seguro (trad. autor, p. 97)

A palavra *siguri*, no plural, é um lusismo, pois a palavra italiana (padrão) seria *assicurazione*.

“**Pessinsar** [sic] l’è un dirito” (BALÉN, 1981, p. 98) Pechinchar é um direito (tradução do próprio autor, p. 99)

Esse é um verbo que não existe em italiano. No padrão, seria usada uma circunlocução do tipo *guadagnare senza sforzo* (PARLAGRECO, 1990, p. 439; SPINELLI; CASASANTA, 1985, p. 754). No vêneto, constitui empréstimo.

“co’i **zacaré** de boche verte in torno” (BALÉN, 1981, p. 166) com jacarés de boca aberta em torno (tradução do próprio autor, p. 167)

O autor usou o brasileirismo *jacaré*, por sua vez de origem tupi, segundo Cunha (1991, p. 451).

“... e darghe ‘na fila de stecade al ‘**locutor**’” (LUZZATTO, 1985, p. 37) ... e dar-lhe uma série de bordoadas no locutor (tradução das autoras)
“La tol su um ‘**cinzeiro**’ e la ghe lo mete darente” (LUZZATTO, 1985, p. 91)
...apressou-se em alcançar ao tio-avô um cinzeiro (tradução da obra bilíngue, p. 90);
o que seria, na verdade, ela pega um cinzeiro e o põe perto dele [trad. das autoras].

Nesses dois exemplos de Luzzatto, temos a palavra portuguesa entre aspas, indicando claramente o elemento estranho.

“L’ ghe dise al **primo**” (LUZZATTO, 1985, p. 95) ~~ele~~ ~~lhe~~ diz ao primo (tradução das autoras)

Existe a palavra *cusin*, significando ‘primo’, no vêneto sul-rio-grandense. Talvez o uso da palavra portuguesa sirva a algum propósito expressivo. Ou talvez tenha sido um cochilo, como ocorreu com muitos autores latinos, que empregavam às vezes uma forma do latim falado.

“Te sè che a Portalegro no gh’è mai posto par stacionar” (LUZZATTO, 1987, p.

105) Tu sabes como é difícil encontrar um lugar para estacionar em Porto Alegre (tradução da própria obra bilíngue, p. 104)

O nome próprio da cidade sofre reanálise e é visto como uma só palavra. Quanto à palavra *estacionar*, certamente não fazia parte do vêneto trazido pelos imigrantes. Sua utilização se dá por empréstimo, ou do português ou do italiano padrão (*stazionare*).

“Ghe zera um campo de futebol” (LUZZATTO, 1987, p. 117) Havia um campo de futebol (tradução das autoras)

Sabe-se que a palavra italiana para futebol é *calcio*. Mas o jogo, provavelmente, tornou-se conhecido pelos imigrantes só em terras brasileiras. O anglicismo entrou no vêneto sul-rio-grandense através do português.

“Ghe zera na ‘caona’ grossa” (LUZZATTO, 1987, p. 161) Havia uma caúna bastante grossa (tradução da própria obra bilíngue, p. 160)

O nome da planta é um brasileirismo de origem tupi (*kaa* ‘erva’ + *una* ‘preto’), segundo Cunha (1991, p. 167).

“Zo per lê pirambere del Piai” (MARCUCCI, 1989, p. 79) – Descendo as perambeiras do rio Piaí (tradução das autoras)

O dicionário Larousse registra *pirambeira* como variante de *perambeira*. O dicionário Caldas Aulete (1958, p. 3833) registra esta última como um brasileirismo, significando ‘abismo, precipício’. É assim que Marcucci se refere, em vêneto, às barrancas do Rio Piaí.

É também em Marcucci que encontramos uma expressão que, à primeira vista, parece decalcada de uma expressão idiomática de gíria, em português.

“Nol volea niente col laoro” (MARCUCCI, 1989, p. 61) – Ele não queria nada com o trabalho (tradução das autoras)

Caso nossa suposição se confirme, seria o caso de uma expressão idiomática inteira, do português brasileiro, transposta para o vêneto. Ainda estamos investigando, no entanto, as expressões vênetas que indicam descaso em relação ao trabalho.

4. Aspectos morfossintáticos

Tais empréstimos portugueses ficam, no discurso do dialeto vêneto sul-rio-grandense ou *talian*, submetidos às leis morfossintáticas do italiano. Isso significa que formam plural em *i/e* (*i moranguinhi, i tamanchi, le cuie, le alianze*) e que fazem parte de construções frasais próprias (*i gavea bel che capiná*).

São raras, ao que tudo indica, as construções novas no vêneto que não façam uso de termos portugueses. Veja-se *pintarol*, a designação da maneira de falar de Pinto Bandeira, empregada por Luzzatto (1993, p. 21). O sufixo é vêneto, embora ocorra também em português (cf. *reinol, espanhol*). Mas pode-se considerar *pintarol* uma criação do vêneto sul-rio-grandense. Ocorre também, em Luzzatto (1987, p. 69), a palavra *rivona* (*che dopo ghe ze quela bruta rivona*). A palavra italiana (padrão) *riva* significa ‘margem, praia’ (cf. Parlagreco, 1990, p. 408). Boerio (1976, p. 248) registra os mesmos sentidos. Ocorre que, no vêneto sul-rio-grandense, significa ‘ladeira’ (como se verifica no dito *riva in zo se fa presto*, por exemplo). Luzzatto a emprega neste último sentido, e agrega à palavra um sufixo aumentativo

português (e vêneto), *-ona*, intensificando-lhe o sentido.

Pode-se dizer com certeza que o processo mais produtivo de formação de palavras, no vêneto sul-rio-grandense, é o empréstimo, do português, ou de outras línguas através do português. Parece que o *talian* se encaminha para uma vasta substituição vocabular. O que há de renovação é do português.

Observa-se também que os substantivos abstratos são palavras quase ausentes nos escritos predominantemente narrativos e cômicos dos registros escritos do vêneto sul-rio-grandense. Os textos argumentativos em vêneto, do final do século XX, apresentarão maior número de empréstimos do português – ou, em alguns casos, empréstimos do italiano padrão, para substantivos abstratos. Veja-se apenas um exemplo:

“Semo tuti italiani de sangue, o mèio, squasi tuti. L’última stadística la dize che ‘1 99,7% de la populassion i ze descendenti de italiani, la magioranza vèneti, ma ghen’è arquanti lombardi e anca qualche piemontese” (LUZZATTO, 1987, p. 21)
Tradução da própria obra bilíngue: Descendemos todos – ou quase todos, 99,7% - de italianos do norte: vênetos e lombardos, com predominância dos primeiros (p. 22)

Vemos aí as palavras *stadística* e *magioranza*, as duas constituindo empréstimos do italiano padrão, num texto que discute ideias e é, portanto, argumentativo. O vêneto sul-rio-grandense não parece dispor de criação vocabular que possa suprir o pensamento abstrato. Recorre-se, pois, a um dos léxicos disponíveis, o do italiano ou o do português. Parece que este último é o mais frequente.

5. Conclusão

No vêneto sul-rio-grandense, parece que os processos de inovação lexical, através da formação de palavras, estão sem uso. Toda a renovação vocabular fica a cargo dos empréstimos, tomados quase sempre à língua portuguesa, ou através dela.

Analisando o caminho inverso, não se pode dizer que a contribuição do vêneto sul-rio-grandense ao português seja insignificante. A obra de Battisti et al. (2006) registra o alentado vocabulário de procedência vêneta que está em uso na Região Colonial Italiana: as muitas contribuições que revelam uma rica herança cultural. São itens lexicais próprios da culinária, do trabalho, do cultivo da terra, de ações, sentimentos, expressões intraduzíveis, orações, e também expressões de angústia e revolta, turpilóquio, alegria.

Mas o movimento contrário é muito evidente. O vêneto sul-rio-grandense apresenta um grande número de palavras portuguesas. Toda a inovação, toda a urbanização, toda a educação vêm carregadas de portuguesismos. Presos aos esquemas morfossintáticos do italiano, é verdade, mas responsáveis pela inovação. Não se pode deixar de ver nisso um sinal de fraqueza do vêneto, um indicador a mais da paulatina substituição do vêneto pelo português. O vêneto sul-rio-grandense, analisado por esse prisma, configura-se como um dialeto em perigo.

Apontando essas questões singulares, temos em vista chamar a atenção para a diversidade lingüística que se faz presente na região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul. Vemos o vêneto sul-rio-grandense, *coiné* ou *talian* influenciando a língua portuguesa da região, já que esta adota vários de seus termos, mas, em mais larga medida, sendo por ela influenciado.

Referências

- BALEN, Ítalo. *Os pesos e as medidas: poemeto caxiense da década de vinte*. Caxias do Sul, RS: UCS; Porto Alegre: EST, 1987.
- BATTISTI, Elisa et alii. *Dicionário de italianismos e de outras inovações vocabulares do português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006.
- BERNARDI, Aquiles (Frei Paulino de Caxias). *Vita e storia de Nanetto Pipetta*. 5. ed. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976.
- BISOL, Leda. Harmonização vocálica, uma regra variável. In: LOBATO, Lúcia et alii. *Sociolinguística e ensino do vernáculo*. Tempo Brasileiro 78/79 - julho-dezembro de 1984.
- BOERIO, Giuseppe. *Dizionario del dialetto veneziano*. Milano: Aldo Martello, 1971 [1856].
- BRESCANCINI, Cláudia; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. *Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações*. Signum: Estudos Linguísticos, Londrina, n. 11/2, p. 51-66, dez. 2008. Acessado em 10/09/2009 através do site www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewArticle/3041.
- CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Edição brasileira. Rio de Janeiro: Delta, 1958.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- DAL CORNO, Giselle O. M.; SANTINI, Mara S. Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na região de colonização italiana (RCI) do Rio Grande do Sul. *Coletânea CCHA: cultura e saber* – v. 2, n. 1. Caxias do Sul, RS: UCS, 1998.
- FAGGION, Carmen Maria. Harmonia vocálica com -inho e -zinho, uma marca dialetal específica. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, Ano 4, n. 7, agosto de 2006. Tema: Fonética e fonologia. <http://páginas.terra.com.br/educacao/revel/index.htm>
- FROSI, Vitalina Maria. Interrelazioni fra il dialetto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. In: ZILIO, Meo (org.) *Presenza, cultura, lingua e tradizionii dei veneti nel mondo*. Venezia: Giunta Regionale Regione Veneto, 1987.
- FROSI, Vitalina M.; DAL CORNO, Giselle O. M.; FAGGION, Carmen M. Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. In: CHAVES, Flávio L.; BATTISTI, Elisa (orgs.). *Cultura regional 2: língua, história e literatura*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006.
- FROSI, Vitalina M.; DAL CORNO, Giselle O. M.; FAGGION, Carmen M. Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, jul-dez 2008. p. 139-167.
- FROSI, Vitalina Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani; FAGGION, Carmen Maria. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. *Métis: história e cultura*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, v. 4, n. 8, jul-dez 2005.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2009.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos*. Caxias do Sul, EDUCS, 1983.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre: Editora Movimento; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisas, 1975.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- LUZZATTO, Darcy Loss. *Dissionàrio talian (véneto brasilian)/portoghese*. Porto Alegre: Sagra/Luzzatto, 2000.
- LUZZATTO, Darcy Loss. *El nostro parlar: e outras crônicas*. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1993.
- LUZZATTO, Darcy Loss. *L'mio paese l'è così*. Porto Alegre: D. L. Luzzatto, 1987.
- LUZZATTO, Darcy Loss. *Ghen'avemo fato arquante*. Porto Alegre: D. L. Luzzatto, 1985.
- MACKAY, Carolyn J. *Il dialetto veneto di Segusino e Chipilo*. Treviso: Grafiche Antiga, 1995.
- MARCUCCI, Remo. *Calde e sfaciate*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.
- MEO ZILIO, Giovanni. "Lingue in contatto: interferenze fra veneto e spagnolo in Messico" In: MEO ZILIO (Org.) *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo*. Parte I America Latina; prime inchieste e documenti. Venezia: Multigraf, 1987.
- MIGLIORINI, B.; PELLEGRINI, G. B. *Dizionario del Feltrino Rustico*. Padova: Liviana, 1971.
- PARLAGRECO, Carlo. *Dizionario portoghese/italiano*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- PITTANO, Giuseppe. *Il mio primo dizionario di italiano illustrato*. Novara: De Agostini, 1994.
- SPINELLI, Vincenzo; CASASANTA, Mario. *Dizionario completo italiano-portoghese [brasiliano] portoghese [brasiliano] – italiano*. Milano: HOEPLI, 1985.
- STAWINSKI, Alberto V. *Dicionário do dialeto vêneto sul-rio-grandense - português*. Porto Alegre: EST S. Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: EDUCS, 1987.
- TOMIELLO, Marciana. *A variação do ditongo nasal –ão como prática social no português de São Marcos/RS*. Caxias do Sul, RS: UCS, 2005 (Dissertação de Mestrado).
- ZINGARELLI, Nicola di. *Il Nuovo Zingarelli; Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1983.